


DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: O ESTUDO DE SUJEITOS CIRCUNSCRITOS PELOS MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA

INTERDISCIPLINARY DIALOGUES: THE STUDY OF
SUBJECTS CIRCUNSCRIBED BY THE SOCIAL
MARKERS OF DIFFERENCE

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARIOS: EL ESTUDIO
DE SUJETOS CIRCUNSCRITOS POR LOS
MARCADORES SOCIALES DE DIFERENCIA

 10.5935/2177-6644.20230001

Valeska Bassi de Souza *


 <https://orcid.org/0000-0003-4323-6593>


Kamila Dinucci Correia Silva **

 <https://orcid.org/0000-0003-0522-5850>

Historicamente, a produção e difusão do conhecimento não se deu de forma democrática. Por muito tempo, houve a soberania de vertentes teóricas das Ciências Humanas e Sociais que se pretendiam tão neutras, racionais e “verdadeiras” quanto as Ciências Exatas. A virada linguística influenciou toda a construção do saber, porque argumentou que esse processo não dependia apenas da rigidez, da busca pelas evidências, pelo rigor metodológico e pela legitimidade científica. Estabeleceu que esse conhecimento “revelado” pela linguagem também era produzido por essa mesma linguagem. Portanto, as coisas não seriam tão somente descobertas, mas também fabricadas.

Esse é apenas um exemplo de como a emergência de novas teorias ao longo do tempo permitiu os estudos dos discursos enquanto parciais e a compreensão de como as ideologias dominantes formularam a história em termos acadêmicos e colonialistas. Saidiya Hartman, em uma entrevista concedida em 2023 à *Revista Odeere*, quando questionada se a aproximação de sua escrita com uma narrativa literária faz com que suas pesquisas percam o rigor acadêmico e se aproximem mais da ficção, respondeu:

* Doutoranda em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES). 
<http://lattes.cnpq.br/2273260960558913> - E-mail: valeska.bassis@gmail.com.

** Doutoranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES). 
<http://lattes.cnpq.br/5399938620501132> - E-mail: kamiladinucci@yahoo.com.br.

Quando estamos lendo qualquer história colonial, seus pressupostos são inquestionáveis. Para mim, a questão crucial é: sob quais condições formas radicais de pensar podem acontecer, emergir, se revelar? E o que seria essa abertura? Há muitas formas diferentes de prática. Uma delas pode ser a poesia, outra pode ser a física, outra pode ser a agronomia. Como podemos proporcionar ou nutrir novas modalidades de pensamento que podem se provar capazes de possibilitar um diferente conjunto de arranjos? E a potencialidade de novas e melhores questões e respostas provisórias, não atadas a uma ordem de valores que está nos matando, é muito mais importante do que a fidelidade a questões disciplinares (SOUSA, 2023, p. 15).

Em meio a este processo de colonização do saber, muitos temas, objetos e sujeitos foram suprimidos das mais variadas áreas, prática esta que Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2019, p. 46) nomeia de “epistemologia do armário”. Nesse sentido, essa *práxis* se deu e ainda se dá a partir do ensejo de recortar e validar, por meio de uma perspectiva da racionalidade moderna, o que é ou não científico, de jogar para dentro do armário sujeitos “insignificantes”, “destituídos de glória”, apagando suas formas de existir e resistir.

Esse apagamento está fundamentado, sobretudo, na discriminação étnica, social, racial e de gênero e o preço a se pagar por ele é alto, visto que exclui estes grupos do cenário das políticas públicas por parte das instituições de poder, além de fomentar a violência a estes corpos por meio da negação das suas existências, direitos e demandas.

Achille Mbembe desenvolveu em 2003 o conceito de necropolítica, originalmente publicado como ensaio¹, posteriormente na obra *A crítica da razão negra*, em 2018. Sob essa perspectiva, o autor mobiliza os pensamentos e conceitos de Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Michel Foucault para pensar os problemas que o afetam enquanto um sujeito racializado. Assim, como alguém que esteve muito tempo na África do Sul, ele conhece muito bem o *apartheid* e as políticas de aniquilação. Derivado do biopoder e da biopolítica, que tinham como objetivo estabelecer uma forma de governamentalidade das populações, a necropolítica se estabelece enquanto um poder regulamentador não só da vida, mas também da morte, a partir do elemento racial (MBEMBE, 2003). Se estendermos esse conceito para o campo das ideias e, para além da raça, pensar também as outras camadas de opressão, quem a camada intelectual e de produção do conhecimento deixou e deixa viver? Quais os sujeitos destinados a morrer no campo da memória?

O rompimento deste racismo epistêmico, da elitização dos espaços educativos e da dominação de gênero deve-se às vozes insurgentes, essas que fizeram das suas experiências políticas e culturais como estratégias de emancipação social. A escrita como aspiração intelectual coletiva se configura nesse campo como um potente ato político de nos tornarmos sujeitos perante as epistemologias dominantes que se estabeleceram a partir de uma matriz colonial. Sendo assim,

¹ Disponível em: [Public Culture](#).

consideramos que para se produzir e incorporar a diversidade no âmbito da construção do conhecimento e no fluxo organizacional das coisas, é necessário fomentar e alimentar os meios de circulação de informações (AHMED, 2022, p. 158) como, por exemplo, essa revista acadêmica.

Carla Akotirene (2019, p. 14) afirma que a interseccionalidade é um sistema de opressão interligado que “[...] visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado”. Dentro desse campo discursivo, este número da revista propôs, a partir de uma perspectiva interdisciplinar e interseccional – que pensa a partir dos marcadores sociais da diferença –, angariar e apresentar pesquisas e escritas que tratassem de propostas alternativas, que anarquizassem a produção de conhecimento, que tivessem caráter de manifesto à desumanização, que tentassem inverter a lógica de dominação e das práticas disciplinares que estruturam nossa existência e nossa ordem, para desfazer os espaços confinados do saber e dar visibilidade a outros fenômenos e processos. Conforme Akotirene (2019, p. 19) “[...] produções e posicionamentos como esse, além de encontrarem caminhos de ressarcir vozes secularmente inaudíveis até a publicação, advertem equívocos analíticos da sociedade civil e Estado [...]”.

O dossiê conta com dezesseis artigos e dois ensaios, das mais variadas temáticas, que perpassam gênero, raça, educação, patrimônio, psicologia, arte e literatura. Além disso, a edição ainda conta com seis artigos livres que dialogam em mais ou menos grau com a temática do dossiê, uma resenha e uma entrevista.

A começar, o artigo *Quando Mulheres Negras se movimentam: Distinções do agir e pensar da escravidão ao século 21*, de Andréa Franco Lima e Silva, apresenta uma crítica ao conhecimento do mundo branco ocidental por meio de uma revisão sobre as referências epistemológicas e simbólicas que influenciaram modelos de organização de mulheres negras desde a escravização até o ativismo dos dias atuais. O trabalho é acompanhado de entrevistas e procuram apresentar como vozes intelectuais negras impactam na vida de mulheres negras, em diferentes aspectos e discussões.

Escrito por Rafaela Rodrigues de Paula, Steffane Pereira Santos & Charles Luiz da Silva, *Minha resposta ao racismo é a raiva: Priscila Rezende, interseccionalidade e imagens de controle* é uma pesquisa sobre a trajetória artística de Priscila Rezende a partir das perspectivas de raça, gênero e classe, que perpassam pelas suas performances sobre o corpo das mulheres negras. A crítica às imagens de controle e processos de autodefinição são questões que visam compreender as

reproduções de imagens estereotipadas e desumanizantes que atravessam as vivências de mulheres negras.

As aventuras e a genialidade do personagem de Arsène Lupin são analisadas por Valmir Moratelli & Tatiana Helich, em *Disfarces do invisível: A prática da invisibilidade social na narrativa seriada Lupin*. O olhar direcionado para as “identidades na formação de si e a do outro sobre si” e o “poder simbólico” guiam os autores a compreender como os disfarces do personagem dialogam entre a invisibilidade do sujeito negro e os aspectos que privilegiam e perpetuam determinadas camadas sociais.

Os artigos *Davi Nascimento: Alvorada incerta, presença equilibrista sobre o fio da letra e Leonora Carrington e o sonho nas zonas de fronteira: Um olhar feminista*, de Ana Carolina Pedrosa Pontes e Ana Carolina Salvi, compreendem os marcadores sociais da diferença por meio da arte. “O manicômio como ideologia de mortandade e saqueamento do direito à vida”, a arte e a cultura participam das experiências de Davi, um jovem negro e artista, como um dispositivo antimanicomial. A partir da poética feminista, as ideias expressadas nas obras de Leonora Carrington “[...] podem criar brechas nas cisões de uma cultura que divide mente-corpo, razão-loucura e feminino-masculino”. Entre raça, gênero e classe, os conceitos indicam um leque de possibilidades para compreender a arte como a expressão das sensibilidades dos sujeitos.

Os estudos da diáspora africana acompanham alguns trabalhos com o objetivo de compreender como fluxos transnacionais percorrem o campo das epistemologias, da cultura, da identidade, da linguagem e outros campos do saber. Cairo Henrique Santos Lima, em *O Afrofuturismo, pós-modernismo e pós-colonialismo: Descentramentos teóricos e a crítica epistemológica a partir das artes afrodiaspóricas*, os saberes da diáspora africana guiam o autor a tecer um debate teórico-metodológico à arte do movimento afrofuturista como possibilidades de renovação dos quadros teóricos pós-coloniais e/ou pós-modernos.

No universo dos bailes, Kamila Dinucci Correia Silva compreende o movimento *black soul* no Brasil como fruto de relações diaspóricas e um cenário importante para a história da cultura afro-brasileira. *Quando os passos movimentam a diáspora: o Movimento Black Rio e o legado político-cultural do black soul (1970 – 1980)* desenvolve algumas reflexões sobre como a chegada do ritmo negro do *soul music* resultou em um projeto cultural voltado para a comunidade negra, jovem e periférica. Os fluxos diaspóricos levam a compreender como o cenário musical foi fundamental no processo de conscientização racial dos sujeitos que frequentavam os espaços de lazer.

Pensando nas experiências políticas e culturais como saberes emancipatórios, Guélder Júnior Almeida de Faria discorre a interação de mulheres trabalhadoras com o contato por meio de oficinas, reprodução de materiais audiovisuais, diálogos e outras interações focadas na valorização de suas profissões. Os relatos dessas mulheres podem ser conferidos no artigo *Dos territórios domésticos e precarizados: Narrativas de trabalhadoras domésticas imigrantes sob uma perspectiva decolonial*, que se apresenta repleto de múltiplas vivências e realidades.

Entre diálogos e enfrentamentos, este dossiê apresenta uma gama de trabalhos que dialogam sobre a história das mulheres e suas diferentes atuações. Em *Mulheres e o debate público sobre patrimônio no Brasil (1937-1966)*, de Riler Barbosa Scarpati, analisa a *Revista do Patrimônio* e *Revista de História e Arte* como potentes fontes de pesquisa para se pensar as temáticas patrimoniais sob a perspectiva da história das mulheres e da história dos intelectuais.

No campo do feminismo rural, o artigo *O florescer do esperar da militância: O Comitê Dona Zizi na vida de mulheres rurais do Mato Grande – RN* apresenta como as lutas organizadas de uma comunidade se tornaram instrumentos alternativos para a criação de políticas mais inclusivas. Os saberes produzidos pelas mulheres de Dona Zizi revelam a importância da organização como uma das estratégias de empoderamento, visibilidade e reconhecimento sobre as lutas pelos direitos no seio rural. O trabalho é de autoria de Jean Claude de Souza Gomes, Winifred Knox & Pedro Henrique Bezerra Faria.

Seguindo os caminhos da interseccionalidade, Valeska Bassi de Souza em *A crítica feminista da representação e do gênero como categoria universal: campo de disputas* desenvolve uma revisão bibliográfica para tecer uma crítica ao sujeito Mulher e ao gênero enquanto categorias universais. Ao dialogar com autoras feministas pós-modernas, negras, pós-coloniais e decoloniais, demonstra como há uma multiplicidade de diferenças, pautas e demandas quando se leva em consideração raça e classe dentro da discussão de gênero e do movimento feminista.

Escrito por Marília Lima de Araújo, o artigo *“O código do Sertão”: Violência, justiça e sociedade na vila de Água Branca/AL, 1880-1890* orienta-se na micro-história para compreender a relação entre violência e valores morais por diferentes grupos sociais. Como fonte de pesquisa, três sumários abertos foram analisados com o intuito de analisar os testemunhos, sendo a justiça e a violência de gênero as discussões protagonistas.

Com o intuito de promover as histórias interrompidas e silenciadas de sujeitos que experienciaram a privação, as variadas profilaxias de combate à lepra, *O Poeta da Casa dos Vivos: A memória da lepra na literatura de Lino Villachá (1933-1994)* é um trabalho sensível sobre a

trajetória do poeta e artista sob a experiência do isolamento dentro de uma “instituição total”. A pesquisa foi produzida e escrita pelas autoras Ariadne Marinho e Dejenana Campos e pelo autor Thiago Costa.

As experiências por meio da intervenção artístico-literária no espaço socioeducativo resultaram no artigo *Menores em Conflito com a Lei e a Subjetividade (Re)Velada por meio da Arte e da Literatura*, produzido por Leticia Lazzari, Viviane Diehl & Izandra Alves. Como orientação metodológica, a poética da palavra, da imagem e do traço se apresentaram como possíveis ferramentas educativas para os adolescentes se perceberem, de forma positiva, enquanto sujeitos para além da privação da liberdade.

A família nos processos subjetivos de pessoas LGBTQIA+, de Rodrigo Prata Mendes & Valéria Deusdará Mori, buscam interpretar os diferentes processos subjetivos de pessoas LGBTQIA+ atravessados pelo ambiente familiar. Orientada pela Metodologia Construtivo-Interpretativa, a pesquisa se desenvolveu por meio de quatro dinâmicas conversacionais, sendo uma pessoa participante e via remota. As atividades tiveram o objetivo de compreender como determinados padrões cisheteronormativos, as vivências familiares e demais questões impactam a produção subjetiva das pessoas LGBTQIA+.

Finalizando as propostas do atual dossiê, a “*Anarquia Punk na Terra do Sol*”: *O Movimento Punk na Paraíba da Redemocratização (1988-1998)* traz ao público leitor um debate historiográfico sobre o movimento *underground* da Paraíba. Sob as observações de Luíza Paiva Duarte de Andrade Carneiro, os sujeitos do *punk rock* paraibano são acompanhados dos estudos de conceitos como Materialismo Histórico, Globalização, Urbanização, sendo a História Oral como aporte metodológico.

Além da diversidade de pesquisas que versaram sobre o presente dossiê, o atual número da Revista Tel recebeu os seguintes artigos livres: *O aterrisar na Pós-Graduação: Construção da identidade, engajamento profissional, desafios e possibilidades de pesquisadores iniciantes*, de Mayara Rabe Camargo; *A problemática da alfabetização e do letramento bilíngue no ensino formal da província da Huíla-Angola*, de Felizbela Miranda; *Educação do/no campo e alfabetização em classes multisseriadas*, de Dilmar Rodrigues da Silva Júnior & Antonia Edna Brito; *Uma proposta de arranjo teórico metodológico para quando a História encontra a Ficção*, de Débora Faccin; *O Tocoísmo e os Movimentos de Libertação e a questão da Cooperação Colonial (1960-1975)*, de Fernando Hélder Panzo Macaia; e para encerrar a seção, *Políticas públicas de enfrentamento à*

violência sexual infantojuvenil: A atuação dos conselheiros tutelares, de Aparecido Renan Vicente & Andreza Marques de Castro Leão.

Dois textos submetidos como ensaios também fazem parte dessa edição. Se trata do texto de Katuska Tereza Azambuja Salgado & Maristela Carneiro, intitulado *Mundana, preta, mulher: ensaios de (R)Existência*, e o texto *Educação Anticolonial a partir das perspectivas de bell hooks e Paulo Freire* de Diônvera Coelho da Silva, Lucas Antunes Machado & Giovana Pontes Farias, ambos pensando objetos diferentes – o teatro e a educação – a partir de uma perspectiva decolonial, antirracista e feminista.

Neste número, a revista conta ainda com a contribuição da resenha *França e Brasil no século XIX: Possibilidades de análise através da cultura impressa*, de Luiza Delamonica Scaglione Lamegal. E com alegria e satisfação, encerramos este número com *Identidades renegadas e a escrita feminina frente à historiografia tradicional: Entrevista com Ariadne Marinho*, realizada por Kamila Dinucci Correia Silva & Valeska Bassi de Souza. Mais do que uma entrevista, este trabalho contém ricas experiências sobre a trajetória de uma mulher, mãe, professora, pesquisadora e doutora em História.

À luz das ideias que movimentaram a criação do atual dossiê, a arte que compõe a capa foi pensada a partir de uma “pirâmide invertida”, essa, que se contrapõe às representações estabelecidas pela hierarquização dos saberes e pelos padrões do pensamento hegemônico ocidental. Apesar do objetivo ilustrativo, os diversos rostos estampados exemplificam a diversidade de etnia, gênero, raça e identidade que engloba a riqueza de vozes presentes na humanidade, e na Revista Tel. Em resposta a todas as tentativas de aniquilamento e silenciamento do ser, a riqueza social só é existente porque é construída pela diversidade de saberes, experiências e práticas. Portanto, este número entrega uma gama de trabalhos excepcionais sobre as atuais questões e revelam uma gama de pesquisadores/as comprometidos/as com a presente proposta.

Referências

AHMED, Sara. **Viver uma vida feminista**. Trad. Jamille Pinheiro Dias et. al. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidades**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. O passado, como falo?: o corpo sensível como um ausente na escrita da história. In: ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História**. São Paulo: Intermeios, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SOUSA, Fernanda Silva e. “Eu não sou uma nota de rodapé para o pensamento de grandes homens brancos”: uma entrevista com Saidiya Hartman. **Odeere**, v. 8, n. 1, 2023.